

CASO THIELLY: UM NOME SUJO PARA LIMPAR

Heloene Ferreira da Silva

Sempre que se atende uma criança, uma questão se impõe ao analista: quem é o paciente? Pois, segundo Lacan (2003), o sintoma da criança, inscrito no corpo ou no pensamento, revela sempre uma verdade da geração que a antecede: a verdade da mãe ou a verdade do casal parental. Na análise com crianças o analista se depara não apenas com uma transferência, mas muitas.

Antes de atender Thielly, a analista realizou algumas entrevistas com a sua mãe, Ana, uma jovem que engravidou na adolescência e definiu essa gravidez não planejada com as seguintes palavras: “não foi a pior catástrofe da minha vida, mas foi difícil”. Comenta que deixou a filha aos cuidados de sua mãe e que esta que já vivia a vida filha, passou viver a vida neta. Porém, agora, para Ana sobraram apenas as críticas.

O encaminhamento para análise foi feito pelo pediatra. Thielly se recusava a comer e, quando comia, vomitava. Frente ao aumento do colesterol da menina, sintoma físico para o qual não havia causas orgânicas, o pediatra afirmou que se tratava de “conflitos familiares” e lembrou que o colesterol alto é uma ameaça à saúde do coração, significante que aparecerá de forma metafórica tanto na fala da mãe quanto na da filha.

A mãe inscreve então a filha para atendimento no SPA em que estávamos estagiando, porém, enquanto aguardava ser chamada, ela consegue atendimento pelo plano de saúde. A menina começou um tratamento pelo plano, a mãe se queixa de que a psicóloga do plano a chamou somente para uma primeira entrevista e depois nunca falou mais nada. “Sei que minha filha melhorou, porque vi as melhoras, mas o que aconteceu, eu não sei”, acrescenta ela. É importante assinalar que, desde a inscrição no SPA até o momento da primeira entrevista, passaram-se nada menos de dois anos.

Quando a pequena Thielly chega para atendimento, ela mesma se faz uma série de perguntas e vai respondendo a todas, numa tentativa evidente de calar a demanda do Outro e, se possível, adivinhar-lhe o pensamento, pois conclui sua fala da seguinte forma: “Pronto! Perguntei tudo que você queria me perguntar, né?” Respondo-lhe com um “não”, que é recebido com surpresa pela pequena candidata a análise, a qual então afirma: “eu sou tímida”. No final, desenha uma casa colorida, depois começa a misturar todas as tintas, de modo que as diferentes cores se transformam numa única tinta escura que ela joga sobre a casa, transformando o desenho num grande borrão preto. Pergunto-lhe o que aconteceu, sua resposta é rápida: “Tudo acabou... meu avô morreu”. Esse avô aparece no relato de Thielly ocupando um lugar privilegiado, embora sua mãe tivesse dito que a filha não deveria se lembrar de nada, porque, afinal, ela tinha só 3 anos quando ele morreu. Ainda segunda a mãe, ninguém contou nada à filha sobre a morte do avô, disseram-lhe apenas que ele fora para o hospital.

Thielly gostava de falar do tratamento anterior, de onde a tiraram sem maiores explicações. Esta foi a segunda perda a que se referiu, primeiramente o avô, em seguida a psicóloga. Ela prossegue dizendo que a mãe “não teve mais grana pra pagar” e me pergunta quanto vou cobrar. Calcula que a outra psicóloga deveria ter “uns 70 anos”, exatamente a mesma idade que a sua avó, enquanto a mãe tem apenas 25 anos. Como não respondo sua pergunta sobre a minha idade, ela diz “sedutoramente”: “não como, não bebo, não durmo, só pensando em quantos anos você tem. Nunca imaginei encontrar uma psicóloga como você”.

Em uma sessão ela traz os esmaltes fluorescentes da mãe no intuito de pintar as minhas unhas desta, noutra ela investiga quantos artistas eu conheço. E faz comentários do tipo: “você é meio fora de moda, não é?”. Ou então: “nossa, você está falando igual a

minha avó”. Porém recorta algo da minha vestimenta, quando diz: “só o seu All Star que está na moda. Eu tenho um igual ao seu, quer dizer, quase igual”.

Algumas palavras sobre a mãe. Como dissemos acima, Ana é uma jovem de 25 anos que trabalha o dia todo e estuda à noite, o único horário que tem disponível é o do almoço e é nesse horário que ela vem à primeira entrevista. À pergunta: “o que a traz aqui?”, responde “estou vindo por causa da minha filha”. Então indaga: “posso começar do começo?” Qual seria esse começo? “Tudo começou com uma separação traumática”, prossegue Ana, colocando-se na posição da “bela alma” hegeliana. Ela atribui a culpa ao outro e se queixa da desordem em que se encontra a sua vida, não vendo nenhuma participação sua nisso. Conta que, logo após o nascimento da filha mais nova, fruto de outro relacionamento, o pai da criança sumiu, desapareceu. Para explicar melhor o “sumiço do pai”, Ana diz: “eu tinha acabado de parir, quinze dias depois ele sumiu”. Ela ficou muito mal e foi Thielly quem lhe deu a maior força, foi sua grande companheira. Contudo, foi nessa ocasião que ela começou a não querer comer, vomitar, perder peso e o colesterol aumentou muito. Hoje, passados dois anos, a filha está melhor. Mas o reaparecimento do pai da irmã faz com que Thielly não queira comer... Ana fala também sobre seu próprio pai: “Vivíamos bem, éramos felizes, eu era a princesinha do papai... Um dia ele foi embora e nunca mais voltou. Eu tinha uns oito anos...”

Nas palavras dela, o pai que reaparece é um “golpista-manipulador”, pois prometia dar um nome a sua filha, mas quem emprestou seu nome para ele foi ela e ele deu um grande golpe fazendo empréstimos, consórcios, dívidas, abrindo uma empresa, um caos financeiro que “sujou” o nome de Ana, motivo pelo qual ela fica andando atrás dele tentando “limpar” seu nome. São esses roubos, essas trapaças, essas sujeiras que vão aparecer nas sessões de Thielly de maneira lúdica. Em cada sessão, ela traz um jogo de casa: Jogo da vida feliz, Uno, Jogo da memória.

A menina busca fazer uma articulação simbólico-imaginária desse real que a atinge e que deixa marcas em seu corpo. Em todas as entrevistas, ela tem sempre uma queixa no corpo: braço quebrado, torção nas costas, febre, dor, hematomas de uma queda de bicicleta, mão destroncada, pé quebrado... Sempre começa dizendo que algo dói. No decorrer da entrevista, esquece completamente e usa o mesmo braço quebrado para “socar” a massinha.

Na construção do romance familiar Ana conta que Thielly nunca teve uma família. Quando descobriu que estava grávida, já tinha se separado do namorado. Ao falar sobre os pais, Thielly diz que um é o aumentativo e o outro o diminutivo, pois eles são sempre assim, quando um gosta muito de uma coisa o outro gosta pouco. Considera-se o meio, pois não gosta nem muito nem pouco de nada.

Quando a mãe começou um terceiro relacionamento as coisas mudaram. Esse namorado adorava a pequena Thielly, sempre dizia que daria seu nome para ela e ela, por sua vez, adorava a idéia. Thielly não queria mais sair com o pai, queria ficar com a mãe e o namorado. Sentia-se como se pertencesse à “família Claybom”, todos felizes e sorridentes, até o momento da “separação traumática”.

Tudo indicava que Ana também faria uma demanda de tratamento para si, mas, logo que a filha entrou em análise, ela não quis mais, alegando que conseguiu sair do fundo do poço, está sentada na beira olhando, pensando para onde vai. Em uma de suas entrevistas diz estar “agasalhando” as coisas, principalmente o coração. Como seria isso? “Ah... agasalhar é pôr uma cobertinha e deixar quietinho, não mexer para ficar bem quentinho de novo”.

Nas poucas sessões em que fala sobre a mãe, Thielly tenta elaborar a respeito da vida amorosa desta: “minha mãe adora Diogos: meu pai é Diogo, namorou outro Diogo, o pai da minha irmã é Diogo, tem amigo Diogo, são muitos Diogos”. Ela não quer saber

dos Diogos, mas adora jogar futebol e indaga: “você acha estranho uma menina gostar de futebol?” Ela não gosta da cor rosa, adora futebol e todas as coisas que os meninos fazem, embora os considere “muito chatos”. Mas também não gosta dessas coisas de meninas: “não sei como elas agüentam brincar de boneca”.

Transferência: o jogo da vida feliz

Thielly chega ao consultório e traz o seu jogo da vida, a analista olha e pergunta: “jogo da vida feliz, e é?” Ela encara a analista e num tom irônico diz: “não sei, isso aqui não é a vida real, é só um jogo... da vida”. Como em todos os jogos que traz esse não tem manual de instrução dizendo como jogar. Quais são as regras? Essas ela mesma faz. Começa então roubando, contando quais são as casas mais lucrativas e sua vida financeira é um sucesso, com muita trapaça, ela acumula uma grande fortuna. Já a analista tem sorte no amor, casa-se, tem filhos, ganha corações, mas acumula uma grande dívida, chega ao final do jogo como uma devedora e Thielly propõe recomeçar, só que a analista perderia todos os corações que acumulou, porém manteria a dívida, teria que começar uma outra vida devendo e Thielly por sua vez, se propõe perder todo o dinheiro. O jogo recomeça e Thielly, rouba freneticamente, a analista pontua e ela diz: “você não entende eu gosto... Gosto de roubar... Quero ganhar de qualquer jeito”. A analista cai em uma casa onde está escrito “pare” e Thielly anuncia que esta deverá ficar parada até que ela chegue. Durante o tempo dessa “parada” ela aproveita para roubar ainda mais. A analista nota que foi retirada da direção de seu carro, está no banco do carona, quem dirige é seu marido, questiona então o que aconteceu, porque foi retirada da direção: “seu nome está no SPC, você não pode mais dirigir vai ter que ficar aí parada”. A analista no jogo encarna a seguinte situação: está devendo, sem corações, “nome sujo”, não dirige o seu carro e não pode ir a lugar nenhum, está literalmente

parada, enquanto Thielly, é dona de uma fortuna, está livremente cometendo seus roubos, enganando, trapaceando... Ela pergunta então como sair dessa situação. Primeira resposta: “acabando comigo”. Segunda resposta: “roubar”. Thielly encerra o jogo, mas avisa que ainda tem uma coisa para fazer antes de ir embora, pega as tintas, papel e começa a misturá-las e espalhá-las no papel, sujando toda a mesa... “Quero fazer um furacão”. A mesa fica totalmente suja e analista pergunta quem irá limpar aquela sujeira. “Você”. “Eu não”. Thielly tenta limpar a mesa e diz para a analista: “Tá vendo a sujeira que você fez, você fica fazendo sujeiras...” Não consegue limpar a mesa, que fica cada vez mais suja e demanda: “Ah vai, me ajuda a limpar”. A analista acolhe essa demanda. No final quando a mesa está limpa Thielly olha e diz: “você já viu mesa mais limpa do que essa?”

Sabemos com Freud que a transferência entra em cena “quando algo do material complexo serve para ser transferido para a figura do analista” (FREUD, 1912/1996, p.138), ela “presentifica o real na experiência analítica e por esse motivo, se impõe ao analista mais do que é por ele construída” (ELIA, 2004, p.23) e é condição de possibilidade a todo tratamento analítico. Lacan afirma que “desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber há transferência (LACAN, 1998, p. 221) ela se endereça ao analista, que é o suporte do objeto a. A transferência faz metáfora através da barra separadora do significante e do significado. O S é o significante da transferência em relação ao significante qualquer (Sq) que é o analista enquanto função. Embaixo da barra estaria o significado, s, do sujeito dividido na entrada em análise. A posição de destinatário do analista divide o sujeito e permite que ele faça um endereçamento de sua demanda de saber sobre o que o divide. A entrada em análise acontece quando o analista, ao se oferecer como destinatário da fala do sujeito, põe em funcionamento o

discurso do inconsciente. Ao analista no lugar de um significante qualquer o sujeito pode dirigir uma fala desordenada sobre o sintoma que lhe é enigmático. É esse endereçamento que permite que surja o significante da transferência.

A psicanálise é a clínica do real e segundo Lacan, o analista paga para ocupar sua função. Paga com sua palavra, pois elas têm um enorme peso, paga também com o seu ser, pois não está ali no lugar de sujeito e sim de objeto causa de desejo e por último, paga com a sua pessoa nos meandros da transferência (LACAN, 1986). Na sessão seguinte ela solicita a analista que traga utensílios de limpeza: vassoura, pano de chão e um “Veja”. O significante “veja” possui um duplo sentido, pois se é o desinfetante com maior poder de limpeza é também um apelo a analista: Veja a sujeira que está a minha vida. Thielly faz uma denúncia, implica-se em sua questão e convoca a analista: temos um nome para limpar, e o saber sobre limpeza é o que ela supõe a analista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. A Dinâmica da Transferência. In: **Obras Completas Ed. Standard Brasileira**. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1912/1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

----- **O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

----- Nota sobre a criança. In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

SOBRE A AUTORA

Heloene Ferreira da Silva. Graduada do 10º período em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida, bolsista Prouni integral. Pesquisadora do Programa de Iniciação Científica, bolsista FAPERJ, projeto de pesquisa: Língua Materna.